



O CORPO COMO VETOR SEMÂNTICO NA EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DE LE BRETON

Roberta Jardim Coube¹
Felipe Lameu dos Santos²
Luiz Celso Pinho³
Aloisio Jorge de Jesus Monteiro⁴

PALAVRAS-CHAVE: Corpo; Educação Física; Escola.

Ao trabalharmos com a questão do corpo não o resumimos ao entendimento de sua dimensão física; ao contrário o concebemos como a primeira visibilidade humana, concretude da existência por meio da qual todas as relações humanas se efetivam. Por essa razão, nos valemos da ideia de que o corpo é repleto de sentidos e valores, como marca o antropólogo francês David Le Breton (2007). E sendo assim, o encaramos como o eixo da relação com o mundo, visto que estudá-lo implica desvelar as lógicas sociais e culturais que o envolvem. Partimos de sua valorosa contribuição de corpo como vetor semântico, intentando denunciar a problemática contida em um cotidiano escolar em que o corpo é negado para, por fim, contribuir nas discussões e na construção de uma escola e um currículo de fato referenciado na corporeidade.

A relevância em torno da corporeidade humana se dá pelo fato dela ser a grande mediadora das ações da trama da vida quotidiana, sejam elas as mais fúteis ou aquelas que ocorrem na cena pública. Ao dizer que “o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída” e que “antes de qualquer coisa, a existência é corporal”, (Breton, 2007, p. 7) corrobora o fato de existirmos porque somos um corpo. Eixo de toda relação construída no/com o mundo, é com ele que o homem apropria-se da substância de sua vida, a qual traduz para os seus semelhantes, utilizando sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade.

Assim, corpo subentende o homem que o encarna. “Nunca se viu um corpo: o que se vê são homens e mulheres. Não se vê corpos” (LE BRETON, 2007, p.24). E uma vez sendo as representações do corpo exatas representações da pessoa, importa saber que os corolários do corpo estão sempre inseridos nas visões de mundo das diferentes comunidades humanas. Por essa e outras razões identificamos a relevância do tripé corpo/educação/cultura. Toda educação é “educação do corpo”.

Entretanto, algumas sociedades além de evidenciar falsas dicotomias (corpo/mente; homem/corpo) não dão espaço ao corpo, haja vista a noção de corpo ocidental encarada com certa ambiguidade. Nesse contexto, fica mais difícil o trabalho de educadores comprometidos com uma educação verdadeiramente intercultural e dialógica, em que são questionadas a visão hegemônica e as tradições eurocêntricas que nela se respaldam.

Le Breton afirma que o corpo como questão faz sua entrada triunfal na pesquisa em Ciências Sociais a partir do final dos anos de 1960, sendo Michel Foucault um dos autores que abordam a temática dos usos físicos, representativos e simbólicos de “um corpo que merece cada vez mais a atenção entusiasmada do domínio social” (LE BRETON, 2007, p.12). Apesar de reconhecer a relevância de Foucault para a questão do corpo, o antropólogo se

enquadra, ao lado de G. Vigarello, J.-M. Brohm e J.-M. Berthelot, num grupo oposto ao do filósofo francês por, segundo ele, se dedicar de modo mais sistemático a “desvendar as lógicas sociais e culturais que se imbricam na corporeidade” (Ibidem, p.12).

Não à toa Le Breton esmiúça um relevante estudo sociológico dedicado “à compreensão da corporeidade humana como fenômeno social e cultural, motivo simbólico, objeto de representações e imaginários” (Ibidem, p. 7). Para o autor, há três maneiras que persistem na sociologia para encarar o tema e ele optou pelo campo de estudo da *Sociologia do corpo*, cuja inclinação é direta sobre o corpo estabelecendo as lógicas sociais e culturais que nele se propagam. Assim, o corpo é entendido como o “vetor semântico” que media e constrói as relações do homem com o mundo: a existência humana é corporal.

A sociologia do corpo, de Le Breton, alerta para o fato de o pesquisador – no caso o sociólogo – dever pontuar de que corpo deseja tratar, identificando a sua “natureza” cujas lógicas sociais e culturais pretende questionar.

Quando é possível designar um corpo, traduz de imediato um fato do imaginário social e podemos entender os tipos diversos de estruturas societárias. Isso porque:

No fundamento de qualquer prática social, como mediador privilegiado e pivô da presença humana, o corpo está no cruzamento de todas as instâncias da cultura, o ponto de atribuição por excelência do campo simbólico (LE BRETON, 2007, p. 31).

Algumas sociedades, as do tipo tradicionais de dominante comunitária em que o estatuto da pessoa é subordinado ao coletivo, não dissociam o homem e o corpo. Nelas, o corpo é o “elemento de ligação da energia coletiva e, através dele, cada homem é incluído no seio do grupo” (Ibidem, p.30). O homem integra o cosmo, está a misturado a ela, à natureza e aos outros.

É por meio do corpo que construímos nossa identidade; gozamos ou não nos momentos de lazer, tempo do não-trabalho; participamos dos processos de educação etc. Todas as aquisições humanas são consequências de intervenções aprendidas por meio do corpo. É este que, para Valter Bracht:

Sofre a ação, sofre várias intervenções com a finalidade de adaptá-lo às exigências das formas sociais de organização da produção e da reprodução da vida. Alvo das necessidades produtivas (corpo produtivo), das necessidades sanitárias (corpo saudável), das necessidades morais (corpo deserotizado), das necessidades de adaptação e controle social (corpo dócil) (BRACHT, 1999, p. 72).

Desprezado e ignorado por muitos, mas tomado como fio condutor por outros, como Foucault, que por se deter com exclusividade nele, tornou certamente dificultoso o trabalho de construção de um panorama sobre a história do corpo sem se reportar à analítica foucaultiana, aos dispositivos de sexualidade, de poder, entre outros. Toda a repressão das minorias sexuais se concentra no corpo, assim como a preocupação sobre o sexo, com um físico saudável, forte, bonito.

Acreditando na valência do tripé corpo/educação/cultura para os processos de formação do sujeito, reportamos à importância da condição corporal desenvolvida pela área intitulada *sociologia do corpo*, em que é por meio do vetor semântico corpo que as relações com o(s) outro(s) e com o mundo se dão: “Os feitos e gestos da criança estão envolvidos pelo padrão cultural (ethos) que suscita as formas de sua sensibilidade, a gestualidade, as atividades perceptivas, e desenha assim o estilo de sua relação com o mundo” (LE BRETON, 2007, p. 08). A corporeidade possui verdadeiro motivo simbólico, como o exemplo das inscrições corporais as quais distinguem uma comunidade de outra:

Essas marcas corporais preenchem funções diferentes em cada sociedade.

instrumentos de sedução, elas são ainda com maior frequência um modo ritual de afiliação ou de separação. Elas integram simbolicamente o homem no interior da comunidade, do clã, separando-o dos homens de outras comunidades ou de outros clãs e ao mesmo tempo da natureza que o cerca. Elas humanizam o homem colocando-o socialmente no mundo, como ocorre com os Bafia da África Ocidental que afirmam não poder distinguir-se dos animais da selva sem suas escarificações (Ibidem, p. 59-60).

Com David Le Breton, a corporeidade constitui-se um eixo de análise que interessa às ciências sociais, por isso seu empenho em desvendar as lógicas sociais e culturais que nela se imbricam. Sempre ligada à cultura e ao momento histórico, é comum que as atitudes a respeito do corpo sejam modificadas, transformadas. Longe de se submeter a leis imutáveis, cada grupo social pode instituir novas ações e sentidos para não somente sua prática educativa, mas também para qualquer situação que vá de encontro ao ser humano e sua vida completa. Em outras palavras, podemos sempre instituir novas práticas – educativas ou não – capazes de valorizar um estado de satisfação plena das exigências do corpo/corporeidade. Nesse sentido, entra em cena a sociologia do corpo, área do conhecimento humano que auxilia o homem a desvendar as modalidades sociais e culturais das relações estabelecidas no corpo, ou seja, contribuindo para que este homem – ator social – descubra a si mesmo na extensão de sua relação com o mundo. E por que não dizer também no reconhecimento do outro que o habita.

REFERÊNCIAS

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. Cadernos do CEDES (UNICAMP), Campinas, v. XIX, n.48, p. 69-88, 1999.

LE BRETON, D. *A sociologia do corpo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

GONÇALVES, M. A. S. *Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação*. 2. ed. Campinas: Papirus, 1997.

MACEDO, R. S. *Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação*. Brasília: Liber Livro Editora, 2006.

MACHADO, R.. As genealogias. *Foucault, a ciência e o saber*. 3ª ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 167-177.

¹ Mestre em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares pela UFRRJ. E-mail: belcoube@hotmail.com

² Graduando em Educação Física pela UFRRJ, bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq. Email: felipelameu@gmail.com

³ Pós-Doutorado em Ética e Filosofia Política (2012) pela PUC-PR; professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: lucepi@ufrj.br

⁴ Pós-Doutorando de Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDUC), da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: aloisiojjm@gmail.com